

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem ser remetidas á rua do Príncipe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Agradecimento

Rio, 28 de Dezembro de 1873.

Agradecendo cordialmente a benevola sympathia com que a *Republica* tem acolhido o nosso modesto periodico, cumpre-nos tributar ao digno redactor daquelle organ da imprensa brasileira os nossos respeitos pelas phrases de louvor. immerecido, que nos tem prodigalisado, tornando patentes aos nossos leitores essas phrases de animação.

Quando o elogio parte de pessoa tão autorizada como incontestavelmente é o Sr. Dr. Quintino Bocayuva, razão ha para ufanarmo-nos.

Eis o que elle disse ao receber os ns. 4 e 5 do *Domingo*:

« Foi ante-hontem distribuido o 4.º numero do *Domingo*, jornal litterario de redacção e propriedade da exma. D. Violante Ximenes. »

« Distribuiu-se hontem o 5º numero do interessante periodico, *O Domingo*. »

O Natal

O nascimento de *Jesus-Christo*, que nos paizes christãos se commemora no dia 25 de Dezembro, hade ser sempre o quadro do maior alcance moral que se póde encontrar no livro da humanidade.

Não se trata simplesmente, commemorando-se esse dia glorioso, do nascimento de um homem purissimo, como a propria essencia da virtude; não se trata somente de um bom homem sacrificado á furia dos mãos pelo unico crime de se dizer filho de Deus.

Trata-se sim de um Homem que foi tão superior a todos os outros martyres do passado e do futuro quanto

superiores a de todos foram a sua pureza, o seu amor, a sua intelligencia.

Não bastou que *Jesus-Christo* nos tivesse fallado em nome de seu Pai. Era preciso que elle morresse amaldiçoado dos homens para que o seu nome se glorificasse.

Era preciso que *Jesus-Christo*, o Parado do da nossa paz, morresse no lenho da Cruz, que, por ser a pena do peccado, era o unico meio da reconciliação, da regeneração, da immensa revolução que se devia áperar no mundo, depois da sua morte.

Ninguém disputa a *Jesus-Cristo* o primeiro lugar entre os homens como Mestre de religião; e a vida e a morte de *Jesus* deve ter grande interesse para todo o homem intelligente sob o aspecto social e historico; a sua vida immaculada, a sua pessoa, ás suas obras vivem nos corações de multidões, como o objecto da mais sagrada homenagem, e têm o interesse que sempre se liga aos grandes problemas de historia, e ás influencias que moldam os destinos do genero humano; e, portanto, não tomar interesse na vida de *Jesus-Christo* é ser, não diremos irreligioso, mas insensivel á natureza e ás pretensões d'aquella maior força moral que jámais existio no mundo.

O melhor meio de estudar a *Christo* é nas suas proprias palavras, e nas d'aquelles que previram a sua vinda ao mundo.

E quem estuda attenta e cuidadosamente essa vida se convence de que jámais houve quem ensinasse a verdade, mais pura e completamente do que o fez *Jesus-Christo*.

A'quelles que não ousam aproximar-se do Verbo—por um vago receio do *Senhor*, ou por vergonha,—diremos que o que *Deus* nos pede não é um medo que nos afugente *D'elle*, mas amor; que *Jesus* soffreu todas as nossas humilhações, e, pois, não temos de que nos en-

vergonhar; que se a palavra nos condemna é para nos melhorar e salvar, e não para nos perder, e, em summa, que longe de ser pezado o jugo do *Christo* é doce e suave.

A mãe

Uma mãe é o título mais terno, mais doce, que ha na natureza, e o unico, que exprime por si só todos os sentimentos d'alma e as mais sublimes e puras affeições.

E' o título que pode ennobrecer mais a mulher na sociedade, e feliz d'aquella que o sabe occupar, cumprindo todas as suas obrigações: obrigações que suavizam o escabroso correr da vida, e faz supportar com resignação a desgraça que muitas vezes a acompanha.

O sentimento maternal, está alem de todos as paixões humanas. Só uma mãe é capaz dos maiores sacrificios, sem esperar outra recompensa alem do seu proprio amor.

O homem douto trabalhando no seu gabinete, espera que o seu paiz perpetue a sua illustração.

O guerreiro, defendendo a Patria, exposto a mil perigos na guerra, levado pela gloria de seus feitos.

O amigo conta com a estima de seu amigo.

Só uma mãe ama seus filhos com verdadeiro desinteresse.

Feliz ou desgraçado, ama-o sempre, e se aquelle não precisa mais de sua protecção, este é amado então com um sentimento mais poderoso, a compaixão.

Pennas mais habeis que a minha tem tentado descrever esse amor mas nenhuma chega á altura incompreensivel de sua grandeza; porque só o coração da mãe o sabe sentir.

O amor, a amizade a gloria sempre tem um fim, que quando se não consegue diluiha; mas o sentimento maternal progride sem interesse algum.

Em todo o tempo o homem precisa da mulher, mãe.

Criança para receber d'ella a vida, para sugar-lhe o leite, para adormecer no seu seio, para ser embalado pela sua ternura; *moço* para cuidar d'elle desvelada eternamente; *esposo* para associar-se a todas as suas alegrias e penas; para acompanhá-lo, quando enfermo, á cabeceira de seu leito; para consolá-lo nas horas sombrias da desesperação; para glorificá-lo nos seus momentos de triumpho; *velho* para encaminhar seus passos, ella, mais idosa do que elle, quando elle tropeça; para apromptar-lhe a comida, e finalmente para ser seu guia até a hora extrema da vida.

A mãe extrema vive da vida de seu filho, e com elle falla desde que o concebe.

Por elle, ella priva-se dos prazeres, renuncia á sua *toilette*, porque o seu unico desejo é que o fructo de suas entranhas se desenvolva no seu seio sem entraves.

E desde então espreita a seus menores movimentos, acompanha-os desveladamente...

A mãe é a creatura mais sublime que o Cinzelador do universo pôz sobre a terra... e ai daquelle que não sabe respeitar e amar aquella que lhe deu o ser!

O cabo electrico

O dia 24 do corrente assignala nos fastos da historia do Brazil um dos maiores acontecimentos!

A Inglaterra, a culta Inglaterra, veio nas azas do

Hooper saudar o Brazil, e communicar a côrte, não só com as provincias do Imperio, como tambem com a velha Europa.

Saudemos este glorioso triumpho para o nosso progresso, e reverentes nos prostremos ante os conhecimentos humanos que de dia a dia mais se alargam.

LITTERATURA

A um ramilhete secco

Coração murcho, flores seccas, não sois irmãos?

Apenas colhidas de manhã, eil-as desmaiadas e cahidas de suas hastes amortecidas. Que mão impia pôde, ao alvorecer, ceifar tantos entes tão encantadores e tão frageis?

Foi cruel aquella que, sem dó da vossa graça, da vossa belleza e innocencia arrancou-vos de vossos arbustos. Menos cruel ainda talvez do que a mão que me despedaçou para sempre!

Veio com apparencias seductoras, bella e arrogante, grande e nobre; caminhamos por algumas horas pela mesma vereda. Suas palavras eram tocantes e ternas, julguei-a uma enviada de Deus, liguei-me a ella, sorri para mim, amei-a, mas esqueceu-me no caminho.

— Vós espargistes bellos perfumes.

— Eu dei a minh'alma.

— Pobres flores, que é feito dos nossos thesouros?

As vossas brilhantes cores perderam-se para sempre. O meu semblante está desbotado. Esta noite lançar-vos-lhão em algum montão de cousas sem nome, e ninguem se lembrará da vossa ephimera existencia.

— Hontem, menosprezavam-me quando passava:

Lá vai o insensato, diziam, o seu genio evaporou-se sem produzir nada. Envelheceu antes de tempo; que fez elle da sua mocidade?

Os vossos calices perderam a sua frescura rosada, tristes despojos. Meus olhos não têm mais lagrimas! Flores, em que lugar nascestes? Fostes embaladas pelos zephirus? Foi assodada pela tempestade que pela vez primeira abristes as vossas pétalas?

Qual foi o insecto que acariciou a vossa virgindade? Uma borboleta côr-de-purpura ou azul? Um Marte vencedor, uma noiva casta, uma donzella esquiva ou uma pomba? Qual d'elles saboreou lentamente o vosso primeiro beijo de amor?

Já vistes aquelle que amastes, procurar outra felicidade a vosso lado? — Flores, sabeis o que é o soffrimento? — Sois insensíveis e creadas só para nosso prazer, dom esplendido do creador á creatura!

Jovem e antiga verbera, sacerdotisa sagrada! A tua folhagem empallidece á vista de um trage de dó.

— A tua roupagem odorifera, tão fresca nos campos, assemelha-se agora a um sudario... Flor de lyz, foi junto a ti que aprendi a balbuciar o meu primeiro canto de amor; mas tu o ignoras, ou não guardaste d'isso a memoria... — Pallida verbera, que é feito do meu coração? — Foi para o céu envolto em teus perfumes? ou ficou no pó, entre as tuas folhas mortas, aos pés d'aquella que nos amou? — Irá elle, atomo perdido, reunir-se ao sem numero de atomos de que se compõem o infinito? Terá razão para ali estar? ou teria para amar?

Rosa de Bengala, tu és a imagem do joven e impaciente desejo, logo que aspiras o sopro que te embriaga,

nas tuas mil petalas, morres : tu feneces antes de teres perdido a lembrança das delicias que animaram a tua curta existencia.

Tu nascees, gozas e morres; mas viveste; gozam a vida na sua plenitude e esplendor.

Rosa de bengala, não invejes nada do homem porque elle consome-se em uma esperanza sempre incerta; muitas vezes enganadora, ou envelhece sobrevivendo a seus desejos...

Tu acabas com as tuas.

Tu para seres feliz, o que precisas. ? Uma pouca de sombra e de orvalho; o ceo t'os proporciona...

Creatura de uma hora a tua sorte é preferivel á nossa.

Geranio encarnado, tu te assomelhas a um rei destronado, a um tyrano proscripto. Não mereces a minha sympathia, não obstante o aveludado das tuas folhas,

— Detesto o que impõe.

— Grande geranio, o que fizeste da porpura do teu manto? — Os reis banidos perdem o seu prestigio; o que fizeste do teu ?

Repugno o teu acre e corrupto odor; vegetarás ainda por instantes, mas o teu orgulho não pôde preservar-te da sorte de todos. Queres que te pranteie ? Nada posso dizer, porque não me inspiras interesse.

Mangericão, flôr balsamica, que as tuas folhas ainda reverdecem quando a rayz já está reduzida a pó; cahindo as tuas petalas uma por uma, ainda vives. — Assim é o homem: a sua esperanza incessantemente fecunda, surge até das ruínas; de esperanza em esperanza renasce, embora envilheça.

Saudade roxa, quaes são os teus pesares ? Posso ser o confidente de todos os teus soffrimentos, porque não os ha que eu ignore, desde os desgostos de affeições repelidas e trahidas, de dedicacões renegadas, de confianças malogradas, até ao crepe do tumulto todos elles me acompanharam. — Saudade, vem abrigarte no meu coração, prefiro-te a todas as tuas irmãs, as mais bellas.

Já não pronuncio o teu nome, flor dos amantes, desde o dia em que aquella que eu amava te deu a mim por penhor. Que fazes tu entre estas folhas seccas e destruidas ? Vens reviver a lembrança da minha desdita ? Julgas que a esqueço, não ; tenho a memoria do coração, e soffrendo por sua causa, amo-a sempre, e sempre d'ella me recordo... Se um dia, ella passeando pelo campo com outro amante, te encontrar em alguma praia risonha, faze com que a tua vista lhe desperte o passado ; que se se commova e pranteie o exilado ; dize-lhe ao ouvido, em queixa harmoniosa, o teu nome ; o teu nome que ella outr'ora repetia com promessas que não soube cumprir.

Violeta, querida violeta, ó tu, que ella, toda risonha te guardava no seio ; quantas vezes te apanhei murcha cahida d'aquelle asylo : como eu te invejava ! O' violeta ! jámais pousarás sobre um coração mais forte e mais nobre... Fugio para o Norte, payz de gelo onde tu não saberias viver.

Ella fugio e tu floresceste depois da sua partida ! Desde o dia que ella se foi, nunca mais a esperanza me sorrio.

Felizes são as flores, porque de certo ignoram os soffrimentos.

Nobre perpetua, a tua nobre cabeça excede a todas as outras. As pintas douradas que brillam nas tuas roupas cor de amarantho, são o signal da mão do artista celeste ! Tem a fôrma de uma chama, emblema da fé e da

caridade ; quem ousaria aspirar á gloria sem partilhar de uma das tuas abrazadoras scentelhas !

Santo amor da humanidade, crença de melhor e mais puro futuro. O dia da redempção está proximo ? Deveremos levantar eternamente nossas mãos supplices e cantar o *De profundis* ?

Immortal amarantho, quando tu corôas a testa de um de nós, tem elle o direito de te cingir com lagrimas ? Só ao poeta é dado o poder de nos contar os seus pezares ? Qual é o peito que mais padece, aquelle que soffre calado ou o que exhala as suas queixas ? Eu te separarei do meu ramilhete secco para dar-te o ultimo adeos. O verdadeiro soffrimento é mudo, e eu quero guardar o meu para d'elle embeber a minha triste e fiel alma.

Adeos pobre ramilhete secco, coração despedaçado, flores murchas, somos irmão e irmãs.

Pierre Courr.

Biographia de mulheres celebres

ALEXANDRA, filha de Hircano II, rei dos judeus. Casou-se com Alexandre, filho de Aristobulo II, de cujo enlace teve dois filhos : Aristobulo, que á idade de 17 annos foi por si as instancias nomeado sacrificante e *Mariamme*, que foi mulher de Herodes.

Dotada de uma ambição desmarcada e desejos de governar, Alexandra conspirou contra o seu genro, que mandou encerrar em seu palacio.

Tentou mais tarde fugir com seu filho Aristobulo, e para este fim serviu-se de dois cofres, em os quaes foram ambos conduzidos para bordo de um navio que os esperava : porém Herodes conseguiu a tempo aprehender os dois cofres, e em seu turno foi ella feita prisioneira e cuidadosamente expiada.

Tendo corrido o falso boato da morte de Herodes, tentou ella apoderar-se da fortaleza de Jerusalém e do templo : porém os governadores fieis a um rei que sabiam que era vivo, oppozeram-se aos seus intentos, e avisaram-n'o.

Herodes mandou-a matar, bem como a seu filho, no anno 28 antes de Christo.

ALICE, quarta filha de Thibaut IV, conde de Champagne casou-se com o rei Luiz VII, e foi a mãe de Philippe Augusto. Seu filho confiou-lhe a regencia, por occasião de sua partida para a terceira cruzada.

Morreu em Pariz no dia 4 de Junho de 1206.

ALLART. (Maria Gay), litterata, nascida em Lyão, pelo anno 1750, fallecida em 1821.

Nascida de uma familia de origem ingleza, recebeu uma educação mais solida e esmerada do que a mór parte das mulheres do seu tempo.

Forçada após desgraças domesticas, a utilizar-se do seu talento para poder subsistir, veio a Pariz, e ali publicou algumas traducções de romances inglezes, entre ellas, a de *Leonora de Rosalba*, d'Anna Radcliffe, (1797) e dos *Segredos de familia*, de miss Peatt, 1799.

Mais familiarisada então com este genero de litteratura, escreveu um romance original, *Albertina de Saint Albe* (Pariz, 1818, 2 vol. in 12), que obteve bastante aceitação.

AMELIA, (Anna), princeza da Prussia, irmã de Frederico II, nascida em 1723, fallecida em 1787.

Attrahida para o estudo da musica por uma verdadeira vocação, estudou sob a direcção Kirnberger, e deu provas de um dos mais notaveis talentos.

A mais importante das suas produções é uma oratoria, a *Morte do Messias*, para a qual escreveu Ramler o poema.

AMELIA, duqueza de Saxe-Weimar, nascida em 1739, fallecida em 1807.

Filha do duque Carlos de Brunswick-Wolfenbultel, contrahio nupcias com o duque reinante de Saxe-Weimar, Ernesto-Augusto-Constantino, mas pouco depois ficou viuva, tendo então apenas 18 annos de idade.

Com tão pouca idade tomou ella as reideas do governo como tutora de seu filho Carlos-Augusto, e administrou seus estados com uma sabedoria invejavel.

Protectora decidida e extremosa das sciencias e artes, attrahio á sua corte os homens mais distinctos d'Allemanha, taes como Goethe, Herder, Boettiger, Schiller, Wieland, e confiou a este ultimo a educação de seu filho.

Em 1775 depoz nas mãos de Carlos Augusto a autoridade da qual tão bem soube usar.

Em 1788, fez em companhia de Goeth, uma viagem a Italia, que ainda mais veio n'ella acender a sua predilecção para as artes.

Os seus ultimos annos vivem nos seus castellos de Eterburg e de Tieffurt.

REVISTA THEATRAL

Theatro Lyrico Fluminense

Fez a sua estréa n'este theatro, quinta-feira, a companhia dramatica, da qual é director de scena o actor Peregrino.

Escolheram para a sua primeira recita o drama—*O naufragio da fragata Medusa*; com quanto seja um drama antigo, o seu desempenho foi satisfactorio.

Os principaes papeis foram confiados aos Srs. Fraga, Peregrino, Maia e Silveira, e as Sras. Jesuina e Velluti.

PARTE RECREATIVA

Salada de palavras

As boas idéas são como os botões de camisa: muitas vezes nos faltam.

E' bem raro que um pintor saiba pintar as figuras... de rethorica.

Consta que os ultimos momentos de Tacito foram *laciturnos*.

E' melhor *sair* para a rua... do que fóra do serio.

Quero antes dormir no meu *leito* da que no *leito* de um rio.

Se fosse mulher quizera chamar Magdalena, para ter sempre a intenção de me arrepender.

Os medicos fazem curas: os vigarios sollicitam-n'os.

Conheço dous pretos que fazem versos: *uns e outros são livres*.

A chave abre a porta: a agua de Seltz o appetite e o presidente da camara a sessão.

Prefiro uma *Florentina* sendo moça, a uma flor em vaso.

Resposta ao pé da letra

Um soldado da legião franceza na Alegria, tendo-se afastado um pouco do seu batalhão, foi feito prisioneiro pelos Kabylas, e conduzido á presença do *cheik*.

— Não tens vergonha, diz-lhe este, [de servires por dinheiro? Nós só servimos pela honra.

— Tendes razão, responde-lhe o soldado francez. Nós pelo dinheiro, vós pelo honra: cada um de nós por aquillo que mais *lhe falta*.

Motte dado pela Exma. Sra. D. M. do M. S.

*Trinava o doce canario.
Meu pranto por ti se ouvia.*

Achando-se o tempo vario
Em uma floresta sombria,
Contente ao romper do dia,
Trinava o doce canario,
N'esse bosque solitario.
Aonde ninguem me via,
Eu saudoso estremecia,
Comtigo no pensamento,
Ao som da chuva e do vento
Meu pranto por ti se ouvia.

Tanto estes versos como mais alguns que por falta de espaço deixaram de sahir n'este numero foram obsequiosamente offerecidos á redacção por um dos nossos assignantes.

Charadas

Ave. 2
Quadrupede . . 1
Moeda.

Quem os teus dotes contasse,
Mulher, anjo, amor, portento, 2
Se a conta lhe não falhasse,
Encontrava bem um cento.

Se ao cavallo com tal laço,
Um pé a cutro ligar, . . . 2
Só durante curto espaço
Hade o triste caminhar.

CONCRETO

Tem pelo e tem pontas, que move a vontade;
Tem pernas immensas, e é feia a valer;
Em casarões velhos, e na escuridade,
E' onde, e só quando, costuma apparecer:

A decifração das charadas do numero antecedente é: a 1ª, Terceira—a 2ª, Palhaço—a 3ª, Regata—e a 4ª, Cantagallo.

Typ. da—Lyra de Apollo—rua da Alfandega 185